

“As palavras de Abby são pura magia: elas espalham humor e ternura por toda a minha vida.” — ALI HAZELWOOD, autora de *A hipótese do amor*

ABBY JIMENEZ

Parte do seu mundo



*Para Jeanette, Terri, Dawn e Lindsay.
Não me imagino fazendo nem metade das
coisas que faço sem seu apoio incansável.
Este livro é para vocês.*



Alexis

Mariposas voavam à luz dos faróis sobre a grama alta da valeta. Eu ainda estava agarrada ao volante, o coração batendo acelerado.

Ao tentar desviar de um guaxinim em meio à neblina, caí em um barranco raso no acostamento. Eu estava bem. Assustada, mas bem.

Tentei dar ré, mas os pneus giraram sem sair do lugar. Provavelmente tinha atolado na lama. *Argh*. Eu deveria ter comprado o SUV em vez do sedã.

Desliguei o motor, liguei o alerta e chamei o guincho. Eles disseram que eu precisaria esperar uma hora.

Perfeito. Perfeito.

Eu ainda estava a duas horas de casa, empacada entre a funerária de onde tinha acabado de sair, em Cedar Rapids, Iowa, e Mineápolis, onde morava. Estava morrendo de fome, com vontade de ir ao banheiro, e usava uma cinta modeladora. Basicamente o grand finale da pior semana da minha vida.

Liguei para minha melhor amiga, Bri. Ela atendeu ao primeiro toque.

– E aí? Como foi a semana infernal?

– Bom, posso contar como acabou – respondi, reclinando o banco. – Acabei de enfiar o carro em uma valeta.

– Eita. Você está bem?

– Estou.

– Chamou o guincho?

– Chamei. Uma hora de espera. E ainda estou com a cinta modeladora. Ela sugou o ar por entre os dentes.

– A cinta do demônio? Você não se trocou antes de ir embora? Deve

ter saído correndo de lá como o diabo foge da cruz. Onde você está? – perguntou ela.

Olhei pelo para-brisa.

– Não faço a menor ideia. Literalmente no meio do nada. Não estou vendo nem um poste.

– O carro quebrou?

– Não sei – respondi. – Não saí para olhar. Acho que não. – Eu me remexi no banco, estava desconfortável. – Quer saber? Espera aí. Vou tirar esse negócio.

Soltei o cinto e reclinei o banco até o máximo. Tirei os sapatos de salto e os joguei para o lado do passageiro, então estendi o braço para abrir o zíper do vestido. Sacudi os ombros para que as alças caíssem e me deitei, erguendo o vestido preto até o quadril e enganchando os polegares na parte de cima da cinta.

Não havia ninguém ali. Fazia meia hora que eu não via outro carro passar. Mas é claro que, assim que comecei a tirar a meia-calça, faróis iluminaram meu para-brisa traseiro.

– Droga – respirei fundo e me apressei para terminar o que estava fazendo.

Eu meio que estava tentando tirar a meia de compressão em tempo recorde. Ouvi uma porta bater e passei a me movimentar freneticamente. Lutei contra a peça, tentando tirá-la por baixo do volante, e por fim chutei-a para longe no instante em que alguém surgiu à minha janela.

Um cachorro grande e desgrenhado apareceu do nada e pulou na porta para olhar para mim. Em seguida, um cara branco de barba e jaqueta jeans com colarinho de lã veio atrás dele.

– Hunter, desce. – Ele afastou o cachorro da porta do carro e bateu no vidro com os nós dos dedos. – Ei, tudo bem por aí?

Eu ainda estava com o zíper meio aberto e o vestido levantado até quase a calcinha.

– Tudo bem – respondi, puxando o vestido para cobrir as pernas e virando as costas nuas para o lado do passageiro. – Guaxinim.

Ele levou a mão à orelha.

– Desculpe, não consegui ouvir direito.

Abri um pouco o vidro.

– Desviei de um guaxinim. Estou bem – repeti, mais alto.

Ele pareceu achar aquilo divertido.

– Ah, sim. Temos muitos por aqui. Quer que eu reboque seu carro?

– Já chamei o guincho. Obrigada.

– Se chamou o guincho, é o Carl que deve vir. Vai ficar um tempo esperando. – Ele sinalizou com a cabeça em direção à estrada. – Ele já mandou umas seis cervejas para dentro no Bar dos Veteranos.

Fechei os olhos e suspirei, cansada. Quando os abri, o homem sorria.

– Espere um pouco, vou rebocar seu carro.

Sem esperar por resposta, ele saiu andando até a traseira do veículo.

Fechei o zíper, apressada. Então, peguei o celular.

– Um cara vai rebocar meu carro – sussurrei para Bri.

Virei o retrovisor para tentar ver a placa dele, mas os faróis acesos ofuscaram meus olhos. Ouvi um barulho metálico do lado de fora. O cachorro voltou a pular na janela para me encarar. Seu rabo começou a balançar, e ele latiu.

– Isso foi um cachorro? – perguntou Bri.

– Foi. É do cara – respondi, balançando a cabeça para o cachorro. Ele estava lambendo o vidro.

– Por que você está tão ofegante?

– Eu estava tentando tirar a cinta quando ele chegou – falei, pegando a cinta no chão e enfiando-a na bolsa. – Estava quase pelada quando ele apareceu na minha janela.

Ela riu tão alto que tive que afastar o celular da orelha.

– Não tem graça nenhuma – sussurrei.

– Não tem graça para *você* – retrucou ela, ainda rindo. – E como é o cara? Um velho assustador?

– Não. Na verdade até que é bonitinho – comentei, tentando enxergar pelo retrovisor o que estava acontecendo atrás do carro.

– Ahhhhh. E como *você* está? Apresentável?

– Cabelo e maquiagem, vestido preto do velório... – descrevi, olhando para o meu reflexo.

– Aquele da D&G?

– É.

– Então está gata. Vou ficar na linha caso você seja assassinada.

– Rá. Obrigada. – Voltei a me recostar no banco.

– E o velório, foi uma merda? – perguntou Bri.

Soltei o ar devagar.

– Foi uma merda generalizada. Todo mundo perguntou sobre o Neil.

– E o que você falou?

– Nada de mais. Que terminamos e eu não queria falar sobre isso. Eu não ia entrar nesse assunto. E é claro que Derek não apareceu.

– Que bom momento para estar no Camboja. Ele está perdendo *toooooo-da* a diversão – comentou Bri.

Meu irmão gêmeo costumava evitar o drama da família. Não que ele soubesse que nossa tia-avó Lil ia morrer de repente na casa de repouso nem que eu seria lançada na cova dos leões sozinha para uma reunião de família/velório de três dias... mas era bem a cara dele sumir nessas horas.

Abri o vidro mais alguns centímetros para fazer carinho no cão. Ele tinha as sobrancelhas cheias de um homem idoso e grandes olhos dourados que o faziam parecer surpreso ao me ver.

– Minha mãe fez um ótimo trabalho com a homenagem – falei, acariciando a orelha do cachorro.

– Nenhuma surpresa.

– E Neil mandou mensagem o tempo todo.

– *Também* nenhuma surpresa. Aquele homem é a audácia em pessoa.

Você respondeu?

– Hum, *não*.

– Ótimo.

Mais barulhos metálicos do lado de fora.

– Beleza, então escuta só – disse Bri. – A gente podia ir a um encontro duplo quando você voltar.

Soltei um gemido.

– É sério, não é tão complicado assim.

É muito complicado, sim.

– A gente pega os caras mais gatos que encontrar no Tinder. Provavelmente alguém posando com um peixe, mas isso não importa. Levamos eles até o café perto do escritório do Nick... aquele onde ele almoça todos os dias às onze e meia, sabe? E aí, quando Nick aparecer, fingimos surpresa por vê-lo ali. Você tropeça e derruba vinho na camisa dele sem querer enquanto eu beijo meu cara.

Engasguei com a risada.

– Por mais que eu queira ajudar você a destruir as roupas do seu futuro ex-marido – falei, ainda rindo –, não pretendo sair com ninguém tão cedo. Não preciso de homens na minha vida neste momento. Ou em qualquer outro.

– É, bom, somos todas mulheres fortes até uma barata voadora aparecer às três da manhã e não ter ninguém para matá-la.

Bufei.

– Mas é sério agora – disse ela –, nunca ficamos solteiras ao mesmo tempo. Precisamos aproveitar. Verão das gostosas. Seria tão divertido.

– Acho que estou mais no clima de verão das senhoras...

Ela pareceu pensar por um minuto.

– Também pode funcionar.

Ouvi mais barulhos metálicos, como se o cara estivesse prendendo algo ao para-choque.

– Quer sair para beber amanhã? – perguntou Bri.

– Que horas? Tenho aula de pilates.

– Depois.

– Tá bom, vamos.

Percebi alguns movimentos pelo retrovisor lateral. O homem estava voltando. Parei de acariciar o cachorro e fechei o vidro quase por completo.

– Ei – sussurrei para Bri –, o cara está voltando. Espera aí.

O homem afastou o cachorro da porta mais uma vez e se abaixou para falar comigo pela janela.

– Pode deixar o carro em ponto morto? – perguntou ele pela pequena abertura.

Assenti.

– Quando eu tirar você daí, coloque no P e mantenha o motor desligado até eu tirar as correntes.

Aquiesci mais uma vez e vi o homem andar até a caminhonete. Uma porta bateu, e o motor dele rugiu. Então meu carro deu uma guinada e começou a sair da valeta devagar, voltando para a estrada. Ele circundou o carro com uma lanterna e deu uma olhada no para-lama.

Uma libélula pousou no capô. Ficou totalmente imóvel enquanto o homem observava os pneus, agachado. Então ele desligou a lanterna e voltou

para a traseira. Mais barulhos metálicos de correntes e, um minuto depois, ele apareceu na janela outra vez.

– Dei uma olhada em todo o carro. Não vi nenhum estrago. Acho que você pode seguir viagem.

– Obrigada – falei, deslizando duas notas de 20 dólares pela fresta.

Ele sorriu.

– Essa fica de brinde. Dirija com cuidado.

Ele voltou para a caminhonete e buzinou, dando um aceno amigável ao passar por mim em meio à neblina.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

